

De facto, só em Cabo Delgado, onde se desenrolou a Operação Nó Górdio, as forças da Frelimo realizaram, durante o período em que ela durou (Julho) e depois de anunciada a vitória portuguesa (Agosto e Setembro), as seguintes acções fora da zona de operações:

12 de Julho — Ataque a Miteda com um grupo de cerca de 100 guerrilheiros, que só se retiraram após as forças portuguesas terem utilizado helicópteros armados e canhão sem recuo;

15 e 16 Julho — Colocação de engenhos explosivos perto de Omar (a norte do núcleo central);

15 Julho — Colocação de 73 minas na estrada Montepuez-Nancatari — Mueda;

21 de Julho — Emboscada na estrada Muaguide-Mêluco, a sul do rio Messalo, na região de Macomia;

28 e 29 de Julho e 17, 27 e 29 de Agosto — Ataques ao aquartelamento de Omar, sempre com forte potencial de fogo (cânhões sem recuo e metralhadoras pesadas) e muito próximo do aquartelamento.

Estas acções da Frelimo, fora da área em que se desenrolou a Operação Nó Górdio, demonstram que o movimento manteve operacionais as suas estruturas em todos os sectores. No Niassa, durante este período, realizou 142 acções, mais 23 do que no trimestre anterior e mais 34 do que em igual período do ano de 1969. Em Tete, efectuou neste trimestre 239 acções, mais 100 do que nos três meses anteriores e mais 141 do que em igual período do ano de 1969.

Em resumo, na zona de Cabo Delgado a Operação Nó Górdio não fez diminuir as acções militares da Frelimo nas áreas exteriores ao núcleo central, onde as forças portuguesas concentraram o seu esforço. Nas frentes do Niassa e de Tete, o movimento aumentou significativamente o número das suas acções.

Em 3 de Agosto, ainda antes do final oficial da Operação Nó Górdio, em ofício enviado pelo comando-chefe de Moçambique ao Secretariado-Geral da Defesa Nacional (SGDN), Kaúlza de Arriaga transmitia a opinião de que «vencida e ultrapassada esta fase da guerra em Moçambique, outra poderá ter lugar na qual o inimigo disporá de meios mais evoluídos, como carros de combate, foguetões terra-terra e aviões de combate».

Em Dezembro de 1970, também em ofício para o SGDN, o comandante-chefe de Moçambique afirmava: «Não é possível garantir o sucesso em Moçambique com efectivos actuando em terra inferior-

res a 105 companhias de caçadores, nove companhias de comandos e quatro companhias de pára-quedistas.»

Em Outubro de 1970, dois meses após o final da operação, o comando-chefe de Moçambique considerava como possibilidade mais perigosa que a Frelimo afectasse gravemente o distrito de Tete pelo incremento das acções de guerrilha e pelo seu alastramento à Angónia e a Tete, o que, de facto, veio a verificar-se.

Na sequência da Operação Nó Górdio, as forças portuguesas planearam a Operação Fronteira, canalizando o seu esforço para norte, enquanto a Frelimo reorientava a sua prioridade para Tete e para o Sul, mantendo contudo pressão suficiente no Norte, para não permitir que as forças portuguesas deslocassem efectivos.

Em contraguerrilha, as operações de grande envergadura ficam, de modo geral, aquém dos resultados esperados, mas a verdade é que surgem sempre comandantes tentados a lançá-las. A Frelimo seguiu as máximas de Sun Tsu, de retirar quando o inimigo ataca e de o atacar quando ele se movimenta. Não admira, por isso, que se verificasse reacção violenta dos guerrilheiros à movimentação das forças portuguesas, em especial na abertura das picadas tácticas, quando estas se encontravam mais vulneráveis; que não defendessem as suas bases, porque o terreno não é importante na guerra de guerrilha; e que o cerco das forças portuguesas não produzisse os resultados desejáveis, pois era muito extenso, os guerrilheiros e as populações conheciam o terreno e a localização das emboscadas, os efectivos disponíveis eram escassos em relação às missões e constituídos ou por unidades recém-chegadas ou que já tinham terminado as suas comissões.

Mesmo o objectivo de conquistar as populações ficou longe de ser alcançado, pois a área era demasiado extensa para as possibilidades de exploração das forças de assalto aos objectivos, o que deu às populações a possibilidade de aguardar o resultado dos acontecimentos em relativa segurança, fora do alcance das forças de cerco. Não admira, por isso, que não se tivesse verificado o êxodo das populações com as conseqüentes capturas. Acresce que as intensas campanhas de acção psicológica, utilizando meios aéreos de difusão de mensagens, também não motivaram apresentações. ■